

EU SOU DE ILHA DE MARÉ: MEMÓRIAS, HISTÓRIAS DE VIDA E ORALIDADE¹

Elisabeth Lopes dos Santos²

RESUMO

O artigo aborda histórias de vidas, conhecimentos e tradições das comunidades pesqueiras e quilombolas da Ilha da Maré, Salvador, Bahia, que de acordo com o Censo de 2022, conta com 11 comunidades (Botelho, Bananeiras, Itamoabo, Neves, Praia Grande, Martelo, Porto dos Cavalos, Ponta Grossa, Santana, Maracanã e Engenho da Maré). Trata-se de um estudo cujo objetivo é dar visibilidade às narrativas de três mestres de saberes que foram entrevistados nas comunidades de Bananeiras e Praia Grande, com o objetivo de destacar suas trajetórias de vida, bem como analisar aspectos característicos do patrimônio cultural de que são guardiões. Uma pesquisa na qual categorias como memória e experiência são fundamentais, além das noções de conflito, resistência, cultura, economia moral, costume e formação que ocupam um lugar central na obra do historiador Edward Palmer Thompson (1981, 1998). Um conjunto fecundo de conceitos e noções capazes de conferir ao estudo das comunidades tradicionais e seus agentes, um papel destacado na organização da cultura, compreendida aqui, como um lugar de transmissão de habilidades e produção de sensibilidades, sempre atravessado pela noção de reciprocidade. Articulada com a concepção de educação popular de Paulo Freire (2013, 2018), como uma forma de intervenção pedagógica ancestral e transformadora na educação e na sociedade.

Palavras-chave: quilombolas - Maré, Ilha da (BA) - história; tradição oral; pescadores.

ABSTRACT

This article addresses the life stories, knowledge, and traditions of the fishing and quilombola communities of Ilha da Maré, Salvador, Bahia, which, according to the 2022 Census, comprises 11 communities (Botelho, Bananeiras, Itamoabo, Neves, Praia Grande, Martelo, Porto dos Cavalos, Ponta Grossa, Santana, Maracanã, and Engenho da Maré). The study aims to highlight the narratives of three masters of knowledge interviewed in the communities of Bananeiras and Praia Grande, highlighting their life trajectories and analyzing characteristic aspects of the cultural heritage they safeguard. The research employs categories such as memory and experience, as well as notions of conflict, resistance, culture, moral economy, custom, and formation, which occupy a central place in the work of historian Edward Palmer Thompson (1981, 1998). A rich set of concepts and notions capable of giving the study of traditional communities and their agents a prominent role in the organization of culture, understood here as a place for the transmission of skills and the production of sensibilities, always traversed by the notion of reciprocity. This is articulated with Paulo Freire's (2013, 2018) conception of popular education as a form of ancestral and transformative pedagogical intervention in education and society.

Keywords: quilombola communities - Maré, Ilha da (BA) - history; oral tradition; fishermen.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campos dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Garcia Basso.

² Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela UNILAB.

“Ah!
Eu vim de Ilha de Maré, minha Senhora.
 Pra fazer samba
 Na lavagem do Bonfim.
 Saltei na rampa do mercado
 E segui na direção
 Cortejo armado
 Na Igreja da Conceição”³

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca apresentar mestres de saberes, histórias de vida e práticas formativas presentes nas tradições e experiências das comunidades pesqueiras e quilombolas da ilha da Maré – Salvador - BA. Trata-se de um estudo cujo objetivo é dar visibilidade às narrativas e memórias de três mestres tradicionais que pude conviver e entrevistar de Bananeiras e Praia Grande, duas das onze comunidades quilombolas que compõem a chamada Ilha da Maré, como vistas a analisar suas trajetórias de vida, bem como destacar traços característicos das tradições e do patrimônio cultural de que são mantenedores.

A perspectiva que mobiliza essa pesquisa encontra-se no intercâmbio entre os saberes tradicionais e os conhecimentos acadêmicos relacionados aos repertórios e às performances culturais dos mestres e mestras das comunidades estudadas, como vozes fundamentais desta investigação. Um estudo no qual categorias como memória e experiência são fundamentais, além das noções de conflito, resistência, cultura, economia moral, costume e formação que ocupam um lugar central na obra do historiador Edward Palmer Thompson.

Um conjunto fecundo de conceitos e noções capazes de conferir ao estudo das comunidades tradicionais e seus agentes, um papel destacado na organização da cultura. Conceito descritivo, definido como um conjunto de atitudes, valores, artefatos e significados, a cultura é compreendida como um lugar de transmissão de habilidades e produção de sensibilidades, sempre atravessada pela noção de reciprocidade. Para o autor, mesmo os indivíduos singulares estão marcados por horizontes históricos inescapáveis, para ele “somos agentes voluntários de nossas próprias determinações involuntárias” (Thompson, 1981, p. 101).

Thompson, combate a tese da determinação absoluta, ao conferir aos diferentes grupos e indivíduos alguma possibilidade de manobra diante da “jaula flexível” que nos oferece a cultura. “Estamos falando de homens e mulheres, em sua vida material, em suas relações

³ Trecho da música “Ilha de Maré” composta por Walmir Lima, compositor baiano de grandes sucessos do samba. A canção foi gravada pela primeira vez por Alcione em 1977, fazendo grande sucesso no Brasil inteiro também na voz de Mariene de Castro.

determinadas, em suas experiências dessas relações, e em sua autoconsciência dessa experiência” (Thompson, 1981, p. 111). Portanto, buscar “pensar educação a partir da experiência” é uma perspectiva de análise que transforma a prática educativa em “algo mais parecido com uma arte do que com uma técnica ou uma prática” (Larrosa, 2019, p. 12). Para tanto, tomamos a noção de experiência como algo que nos atravessa, “o que acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (Larrosa, 2019, p. 18).

Costuma-se pensar a educação do ponto de vista da relação entre ciência e a técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática. Se o par ciência/técnica remete a uma perspectiva positivista e retificadora, o par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política e crítica. De fato, somente nesta última perspectiva tem sentido a palavra “reflexão” e expressões “reflexão crítica”, “reflexão sobre a prática ou não prática”, reflexão emancipadora” (Larrosa, 2019, p. 15, 16).

Nessa direção, a categoria de experiência torna-se fundamental para se estabelecer objetividade aos indivíduos como sujeitos históricos de “carne e osso”, que choram e riem, sentem dor e prazer, raiva e alegria, que se apropriam das mais diversas tentativas e formas de conformação ou resistem a elas. Tais fenômenos tornam a experiência “uma categoria que por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (Thompson, 1981, p. 101).

A concepção de memória é outra noção essencial para este estudo, pois, se existem lembranças e reminiscências a serem acessadas, logo existe também uma história por parte dos indivíduos que relembram, associado a uma determinada cultura num determinado espaço de tempo. Nas culturas das sociedades orais ou predominantemente orais, “a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a palavra é mais forte” (Hampaté Bâ, 2010, p. 168).

Segundo Souza (2007), a memória e a história de vida não estão apenas relacionadas a subjetividade do indivíduo selecionado para a pesquisa, para além dele existem fatores históricos e culturais que envolve essa trajetória, relatada através do ponto de vista de quem a vivenciou, a memória está associada ao esquecimento no sentido de que, se esquecemos algo a qualquer momento pode vir a memória a partir de alguma referência ou um objeto, logo por meio do diálogo com uma pessoa que viveu uma certa trajetória de vida, podemos fazer com que esse indivíduo possa recordar momentos históricos de sua vida, que até então estavam esquecidos, promovendo assim uma reflexão e autorreflexão sobre sua história de vida.

De modo geral, pensamos na memória como uma faculdade individual. Contudo, selecionamos um certo número de estudos que embasaram o trabalho com os relatos de memória que foram recolhidos por esta pesquisa, que apontam a existência de uma memória coletiva ou social”⁴. Nesse sentido, “o esquecimento, em suma, é a força viva da memória e a recordação o seu produto” mas o fato do indivíduo recordar acontecimentos de sua vida, não é a garantia que o entrevistador saberá de tudo, o sujeito pode filtrar algumas informações e decidir falar ou não, “ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o ‘dizível’ da sua história, da sua subjetividade e dos percursos da sua vida”, sendo assim, o entrevistado é o protagonista principal de sua história. (Souza, 2007, p. 67)

Tal reflexão se serviu de outras leituras e referências da história social e cultural, como Peter Burke (2004, 2010), Edward Palmer Thompson (1998) e Reinhart Koselleck (2006), que nos forneceram conceitos de abordagem documental fundamentais para os propósitos desta pesquisa, tais como oralidade e cultura popular tradicional, experiência e expectativa. O artigo está dividido em três seções: a primeira apresenta aos leitores informações relativas à Ilha da Maré. A segunda, aborda os conhecimentos e saberes mantidos nas memórias dos membros dessas comunidades que entrevistei, meus “contadores de histórias”, que funcionam como “bibliotecas vivas” e orais da minha comunidade. Na terceira parte, busca-se refletir sobre as práticas de ensino e circulação de conhecimentos entre as gerações dessas comunidades, para destacar aspectos de sua pedagogia ancestral.

2 A COMUNIDADE QUILOMBOLA DA ILHA DA MARÉ

“Ah!
Eu vim de Ilha de Maré, minha Senhora.
Pra fazer samba
Na lavagem do Bonfim.
Saltei na rampa do mercado
E segui na direção
Cortejo armado
Na Igreja da Conceição”

Os versos iniciais da canção “Ilha da Maré”, utilizada como epígrafe do texto, narram uma das muitas tradições da minha comunidade. Todos os anos, várias embarcações com

⁴ Os autores que foram destacados para o estudo sobre a memória são: Alberti (2004a, 2004b), Bosi (1987), Nora (1993), Ferreira; Amado (1996), Thompson P. (1992), Sarlo (1995), Halbwachs (2006), Worcman; Perreira (2006), Souza; Lima (2022).

pescadores e pescadoras atravessam o mar em direção à festa na Igreja da Conceição, na capital baiana, que desaguam em samba de roda na denominada “Lavagem do Bonfim”.

O movimento de ir e vir por tantas águas, sem nunca esquecer como voltar, mesmo com o mar não tendo placas, nos conta muito sobre os conhecimentos dos marinheiros/pescadores. Memórias que se constroem no cotidiano das travessias e das jornadas de trabalho, ao narrar as miudezas do dia-a-dia e os desafios de enfrentar as ondas do mar. Atrevo-me, então, a dizer “eu vim de Ilha de Maré”, para reforçar com um mergulho, dos mais profundos, na memória e na tradição do meu território.

A história de Ilha de Maré começa com as angústias, receios e anseios de toda e qualquer travessia, e foram tantos atravessamentos, a começar pelo transatlântico. As águas complexas e profundas que conduziram a origem desse lugar de memória que vieram de longe. Assim, podemos dizer que a construção de Ilha de Maré coincide com a construção do Estado da Bahia e do Brasil.

A Ilha de Maré fica no nordeste da Baía de Todos os Santos, em Salvador, Bahia, e é marcada pela ampla vegetação de manguezais, recifes de corais e coroas, além das águas limpas e tranquilas.

Figura 1 - Mapa de Ilha de Maré



Fonte: <https://www.bahia.ws/guia-turismo-viagem-ilha-de-mare/>

A travessia se dá através de embarcações (canoas a remo e de fibra movidas por diesel e barcos maiores) que também são utilizadas para a pesca e mariscagem. A economia do local tem como base o extrativismo da pesca, a agricultura familiar, turismo e a produção de artesanato. Com uma população de quase 10 mil moradores, foi reconhecida pelo IBGE como sendo o bairro mais negro de Salvador. De acordo com o censo de 2022, a região conta com 11 comunidades (Botelho, Bananeiras, Itamoabo, Neves, Praia Grande, Martelo, Porto dos Cavalos, Ponta Grossa, Santana, Maracanã e Engenho da Maré), das quais 4 são reconhecidas oficialmente desde 2004, pela Fundação Palmares como comunidades remanescentes de quilombos, incluindo Bananeiras. Apesar disso, o Incra ainda não fez a demarcação das terras, nem deu a titulação desses territórios aos seus moradores.

O processo de reconhecimento e identificação de comunidades quilombolas depende da autodeclaração, trajetória histórica e territorialidade que conseguimos por causa da tradição oral, porque não esquecemos o que nos foi narrado a tanto tempo e se mantém vivo até hoje, mas mesmo assim, o Estado não faz a sua parte.

Por se tratar de uma área costeira e portuária bem localizada, a riqueza ambiental continua sendo devorada. Inicialmente pelos engenhos de açúcar, que eram muitos na região do Recôncavo, e para a sua manutenção dependia não só da exploração de seres humanos, mas também da natureza, como o desmatamento de árvores para a produção de lenhas. E agora pelos grandes empreendimentos industriais que começaram com a implantação do Porto de Aratu em 1975, logo em seguida, muitos outros pólos e empresas petroquímicas foram instalados no entorno e a região passou a ser considerada como “Zona de sacrifício” pelo Estado da Bahia.

O que antes era tomado por engenhos, hoje é dominado por empreendimentos industriais altamente poluentes que afetam o meio ambiente e nosso modo de vida. Ou seja, um processo de exploração e degradação do nosso corpo/território que só mudou de face, mas ainda é o mesmo, que guarda o peso histórico da escravidão e do racismo.

Apesar desses muitos enfrentamentos, trabalhamos cotidianamente para manter o nosso modo de vida. Vivemos do solo, da lama dos manguezais e das águas da maré e não só utilizamos, mas também protegemos esses recursos da nossa mãe natureza. As águas não influenciam apenas no meio de produção econômica, mas a mecânica dos territórios que são banhados por águas se constituindo em conjunto com as luas, ventos e marés.

Nesse sentido, aprendi desde a infância que o tempo e espaço são determinados pelas águas e as suas vibrações, pelo ciclo das marés. Por isso, sabemos respeitar os horários e momentos que a maré determina: não pescamos em temporal, não pegamos fêmeas e filhotes de algumas espécies e nem mariscamos com “maré quebrada”. Não atravessamos o mar com a

maré baixa, esperamos até a maré encher, e não temos medo de molhar os pés. Pedimos licença todas as vezes que vamos entrar no território sagrado do mangue e das florestas, “porque são protegidos por espíritos da natureza”, como dizia minha bisavó.

3 OS SABERES DA MEMÓRIA: OS CONTADORES DE HISTÓRIAS

A partir de algumas leituras e reflexões, acabei percebendo a relação existente entre história e memória; e como é de extrema importância a revisitação de vivências do passado para manter tradições e costumes ancestrais. Em culturas que não possuem a escrita, a contação de histórias é a forma mais eficiente de passar todo o conhecimento de um povo e, em minha comunidade, não foi diferente. Não há muitos registros sobre nossas histórias locais, sobretudo a partir do nosso protagonismo de fala de poder contar, falar e partilhar as memórias sobre quem veio antes. Ou seja, pouco se acha sobre nós e até recentemente nem estávamos no mapa de Salvador. Por isso, a forma mais eficiente de conhecermos a nossa gênese (como chegamos aqui), foi através da oralidade e da contação de histórias recordadas pelos anciãos. Assim, foi possível nos reconhecermos como quilombolas, reivindicando os nossos direitos, e declarando que, nesse território, em que há tantas águas, também há muita memória.

As histórias sempre fizeram parte de toda a minha trajetória de vida, no entanto, eu as enxergava como divertimento, apesar de ter aprendido tanto escutando os mais velhos. Em um contexto em que rememorar é garantir sobrevivência, e reconstrução dos significados do próprio corpo, é urgente as possibilidades de registrar e valorizar os saberes que partem da oralidade. Através do projeto de pesquisa *Cacimba de Histórias: encontros e intercâmbios com vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia*, pude compreender mais a fundo a tradição oral, a literatura popular, e entender o papel fundamental dos guardiões da memória; compreendendo para quê ou, para quem, serve a tradição oral.

A identificação dos contadores de histórias foi o início da pesquisa de campo a fim de avançar em mais uma etapa, iniciei, no mês de fevereiro de 2023, a busca pelos guardiões da memória para, em seguida, registrar através da entrevista narrativa, suas histórias de vida e todo repertório oral. Em diálogo com pessoas da comunidade de Praia Grande, encontrei um mais velho, que era conhecido por contar muitas histórias. Claudionor, apelidado por Noca, um senhor de 92 anos, me recebeu em sua casa, onde vivia sozinho. A conversa não demorou muito, pois ele estava cansado e me disse que não contava mais histórias, no entanto, a experiência que tive com ele foi marcante e gestora de toda a minha prática enquanto pesquisadora. O senhor

Noca me disse que ficava sozinho todos os dias observando o ir e vir das pessoas e a sua única ocupação eram os pássaros que cuidava, segundo ele, tinha muito o que ensinar, mas ninguém queria ouvi-lo. Não registrei no papel a nossa conversa, mas fiquei com a reflexão que só foi possível por causa do nosso encontro. Em um cenário de esquecimento, o contador não sobrevive, pois o seu papel está intimamente associado ao do ouvinte. Walter Benjamin (1994) nos alerta a respeito do desaparecimento do narrador e fala sobre a urgência do ouvir, visto que o desaparecimento do primeiro é consequência do desaparecimento do segundo. Claudionor se ancestralizou ano passado e, em sua memória, quero reforçar a importância de ouvir os nossos mais velhos.

No mês seguinte, entrevistei Ernandes Carlos Lopes, conhecido como Djalma, que é um contador de histórias de Bananeiras e usa também sua palavra em forma de canto.

Figura 2 - Registro fotográfico de Djalma feito no dia 23 de julho de 2023



Fonte: elaboração própria.

Djalma expressa o seu amor pelo lugar de pertencimento e fortalece sua identidade fazendo músicas e contando histórias que foram narradas pelos seus ancestrais.

Aqui já teve uma tribo de índio, eu não sei qual... então minha mãe era...eu lembro que todo mundo falava ... por causa do cabelo... cabelo dela era bom, pretão assim quando casou, quando era nova então minha mãe era daqui. Agora já a minha bisavó veio da escravidão... Inês, que era mãe do meu avô Cândio. então nós teve parte nessa história da escravidão, por isso que falo desse tema da escravidão... isso aí eu gosto muito de falar... porque é uma marca... que fica registrada pra sempre... também um dia, eu... possa ser que você gravando agora... essa parte vai pá história, porque a história... ela é uma coisa também recente, porque depois dessa entrada minha no museu eu comecei a escrever a história.

Ao usar as suas composições como costura para relacionar a história dos povos negros no Brasil, a sua identidade africana e suas queixas a respeito da política brasileira, Djalma também faz uso da escrita, o que possibilita o registro escrito de todo o seu repertório.

Eu sou africano

Eu sou africano de pele e de cor
Eu tenho muito orgulho, eu tenho muito amor

Eu sou Zumbi ê, eu sou Zumbi
Vocês mataram ele, mas eu estou aqui

Vocês são brasileiros e eu sou africano
Eu estou aqui por um grande engano

Eu vou voltar ê, eu voltar
A África é minha terra, eu vou voltar pra lá.

Através de suas histórias, podemos conhecer um pouco mais a origem da comunidade de Bananeiras e com a sua música, estabelecer um laço, um sentimento de pertencimento e amor pelo território que nos foi deixado.

Eu não troco a minha Ilha

Minha Ilha só tem mato, mas é linda de se vê
Eu não troco a minha Ilha nem por mim, nem por você

Minha Ilha deu petróleo
Tem azeite de dendê

Minha Ilha deu petróleo
Tem azeite de dendê
E ainda tem marisco que dá pra sobreviver.

Minha Ilha de Maré fica perto de São Tomé
Faz fronteira com Caboto e também faz com Passé.

No mês de agosto, retornei à comunidade de Praia Grande e, nas andanças em busca de contadores de histórias, conheci Dona Janira, uma mulher forte e guerreira, que utiliza as narrativas como ferramenta para fortalecimento de sua fé e da comunidade.

Figura 3 - Registro fotográfico de Dona Janira e o seu marido feito em 19 de agosto de 2023



Fonte: elaboração própria.

As narrativas populares sempre estarão a serviço do coletivo, mesmo quando são narradas atravessando a subjetividade do indivíduo. Não há gratuidade nessas narrativas, há um para quê e, mesmo que o narrador esteja falando sobre algo que o envolve, ele está trazendo o grupo consigo. Então, ouvir um contador de histórias tradicional é ouvir a sua comunidade e entender a sua cultura.

Meu nome é Janira Moraes Neves, a minha história... eu vim de um pai cego, trabalhei muito desde idade de 8 anos que eu trabalho para manter a nossa família. Só tive um irmão que meu pai, mesmo cego, levou para a marinha, mas quando chegou lá... o comandante disse que papai além de cego tinha só um filho homem... não podia ficar só, mas ele foi pra frente... entendeu? Quer dizer... ele já morreu sendo

sargento, mas por isso ou por aquilo, Deus nos manda e depois Deus quer de volta... mas foi um irmão muito bom nunca deixou a gente faltar nada. De todos os lugares que ele viajava trazia cada dia um presente.

Os contos, as parlendas, as rezas, as rimas e as histórias têm um papel muito importante para comunidades orais; essas narrativas não se limitam ao divertimento dos ouvintes, mas objetivam transmitir valores, códigos e costumes sociais que impulsionam a coesão social. Narrar uma história é fazer o resgate e manutenção da memória que precisa da oralidade para permanecer viva; é também costurar o encontro da narração com o narrador, ou seja, sujeito gerador da tradição oral. Por isso, percebe-se que uma história oral, narrada por contadores de histórias tradicionais, sempre terá início com a história de vida da pessoa que narra. De acordo com (Benjamin, 1994, p. 205): “os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica”.

Através de Dona Janira, que utiliza a sua palavra para fortalecimento da fé e da crença no sagrado e nas ervas, a partir da escuta atenta, *é possível* compreender uma relação entre a religião e a magia. Sobre isso, Oswaldo Elias Xidieh (1993, p. 98) fala que:

Entre as práticas mágico-religiosas enquadram-se os ensalmos ou benzimentos. São eles, sob forma e execução mais ou menos complicadas, ritos de cura, de propiciação, de produção e de afastamento, que flutuam entre a magia que existe e a religião que pede, e na sua contextura, geralmente, esses dois elementos se entrosam, entrando a magia com os gestos e o material simpáticos e a religião, com as fórmulas de comunicação com o sobrenatural, as orações e, às vezes, com objetos consagrados e lugares dedicados ao culto.

Xidieh reflete sobre essa relação mágico-religiosa surge da necessidade que o ser humano tem de reivindicar que as suas vontades sejam atendidas, não conseguindo deixar apenas no sobrenatural suas aspirações e seus desejos. É preciso interferir através de simpatias, de rezas, e benzimentos, para “agradar/ajudar os santos”. Nenhum contador é igual; alguns trazem muitos embelezamentos, outros resumem o que narram, mas sempre conseguem passar a mensagem que objetivam passar.

Dona Janira narra a história de nossa senhora das Neves, que se parece muito com o conto da mãe d'água⁵

⁵ “Era um homem muito pobre que tinha sua plantação de favas na beira do rio; porém, quando elas estavam boas para colher, não apanhava uma só, pois, da noite para o dia, desapareciam. Afinal, cansado de trabalhar para os outros comerem, tomou a resolução de espiar quem era que lhe furtava as favas. Um dia, estava à espreita, quando viu uma moça, bonita como os amores, no meio do faval, abaixo e acima, colhendo as favas todas”. Maravilhas do conto popular. Adaptação de Nair Lacerda. Cultrix, 1960.

e a vida era essa e ele contava muitas histórias, ele contava que a Nossa Senhora das Neves aparecia na ilha...Quem tinha o merecimento via aquela moça andando a praia de Tomoabo todo...chego a me arrepiar... Naquela primeira casa da subida morava um casal, então naquele casal ele plantou fava... Então quando a lua era cheia aí saía aquela moça da maré, subia aquela rampa, comia, comia fava, catava fava, comia, quando ela olhava que já via que a lua já tava pra cravar ela aí descia a rampa, quando descia a rampa subia a praia de Tomoabo todo e quando chegava naquele lugar ela ficava. Aí ali fizeram a Igreja. Os americanos, não sei, não sei quem é...as pessoas...os primeiros...tanto faz que aquela igreja é tombada, ela tá pra cair, mas não tem quem conserte...porque a gente não pode meter a mão...mas também não vem ninguém ver a coisa... Muita gente de manhã, levantava cedo, quando levantava aí via os pezinho dela... Não é uma gratificação? Essa ilha não é abençoada? É abençoada! Essa nossa ilha é abençoada!

Ela também traz, em seu repertório, uma reza – *a qual* aprendeu com a sua sogra – para curar insônia.

Reza para insônia

Com Deus eu me deito
Com Deus eu me levanto
Com a graça de Deus e do divino Espírito Santo
A virgem Senhora cobre-me com o vosso manto
Se toda coberta eu for, não terei medo de nenhum pavor
Nem coisas que desse mundo for
Com o Senhor dormir eu quero
Minha alma vos entrego
Se eu dormir, me acordai
Se eu morrer, vós me alumiai
Com três velas acesas da santíssima Trindade
Pai, Filho e Espírito Santo. Amém

4 UMA PEDAGOGIA ANCESTRAL

Afastando-se da necessidade de definir o que é pedagogia (compreendendo que existem diferentes pontos de vista para conceituá-la), mas encarando-a como uma ciência que se encarrega de teorizar e fundamentar a educação vigente. Além disso, caracteriza-se a educação como uma via de transmissibilidade, como um transporte intergeracional que garante a continuação de pensamentos e de ideias valorizados pela sociedade ao promover práticas educativas geradoras de mudanças, que faz da pedagogia uma ferramenta indispensável para todo e qualquer grupo. Posto em perspectiva o seu significado, vê-se aqui a pedagogia também como tradição que mantém, para cada sociedade, o que é necessário para coesão social.

No contexto em que vivemos, onde a pedagogia exerce um papel de manter viva a colonização, a escola é um espaço que reforça as desigualdades sociais e garante a existência de relações de poder que sufocam grupos minoritários excluindo suas visões de mundo do

currículo escolar, como mais uma tentativa de colonizar a mente de grupos populares. Tendo em vista que os processos de construção do saber de grupos populares estão inteiramente ligados à cultura, o que se tem feito não é apenas a valorização de uma cultura em detrimento de outra, mas um epistemicídio. Com isso, praticar uma pedagogia que não foi criada dentro desse espaço eurocêntrico – com murros e diretrizes projetadas para perpetuar uma educação forjada para dominação e domesticação de pessoas não brancas – é essencial.

Nas obras de Paulo Freire, encontramos um olhar sobre a educação popular, que surge da necessidade de politizar a nossa cultura, sem desprezar o saber científico, mas valorizando o saber primeiro, o saber que veio antes do espaço centralizador de ensino, onde a educação se dá com os pés no chão, plantando, pescando e sempre em movimento – esse saber vem da pedagogia ancestral. Antes mesmo de existir a necessidade de se lutar por humanização e direitos, a pedagogia ancestral já funcionava como instrumento mantenedor das culturas, das tradições e dos saberes dos povos oralizados.

A pedagogia ancestral, por ser também uma tradição que se fundamenta e se mantém na oralidade, tem como base a palavra. A palavra, em comunidades tradicionais, onde a oralidade é predominante, é o elemento central e tem um peso não só social, como também sagrado. Segundo Hampaté Bâ, escritor e tradicionalista africano (2010, p. 182):

É, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado a palavra que profere. Está comprometido por ela. Ela é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é.

O valor e respeito pela palavra que está enraizada no passado; um passado que se movimenta e se preocupa com o porvir, e justamente por isso, tem a necessidade de ser lembrado. Já o ancestral não está vinculado apenas ao passado, pois estabelece uma relação entre as temporalidades: um olhar para o passado para conservar no presente o que queremos para o futuro e o diálogo constante que permite a permanência da cultura. Quando abrimos caminho para outras perspectivas e admitimos a possibilidade de coexistência de mundos diversos, deparamos com diferentes lentes para enxergar a vida e suas implicações. Dentro disso, percebemos que até mesmo a compreensão do tempo e as suas marcações são de caráter social e mutáveis mediante ao contexto.

A compreensão ocidental das categorias temporais de passado, de presente e de futuro, apesar das tentativas, não é universal. E não precisaremos cruzar as fronteiras para entender que não existe consenso em relação ao conceito do tempo como sendo linear. À Luz de Ailton

Krenak, líder indígena, filósofo e poeta, pertencente à etnia krenak, percebemos que os povos originários possuem um entendimento do tempo diferente *do* ocidental. Inseridos em uma sociedade eurocêntrica, eles entendem também a configuração e as marcações de horas e dias desta realidade. Segundo Krenak, “O presente é ancestral”⁶ Logo, analisamos que, nessa perspectiva, não há uma ruptura entre o passado e o presente; existe sim um retorno contínuo, pois o passado é valorizado enquanto provedor do futuro, e o presente sofre influência do que já passou. Há uma conversação entre as temporalidades, com retornos, permanências e encaminhamentos.

A pedagogia ancestral carrega em si aspectos ontológicos, sociais e sagrados. Tudo se conecta e nada é por si só; por isso, não existe uma hora e um espaço para aprender, todo espaço é formador e toda hora é hora de aprender. Nas palavras de Hampaté Bâ (2010, p. 183):

A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótico aqueles que não lhe descortinam o segredo e desconectar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à unidade primordial.

As atividades exercidas pelas pessoas vão-se relacionar com o sagrado, o trabalho e a cultura, tendo a mesma intencionalidade: a sobrevivência e a manutenção da cosmovisão, do modo de vida. Dentro dessa visão pedagógica e tradicional, o repete-se é para ser e se refazer, pois mesmo sendo herança, abriga também os saberes contemporâneos, que se refazem a partir das necessidades do tempo e do espaço, mas mantendo o essencial que é a reverência pela ancestralidade, que pode ser a própria natureza, o reforço e embelezamento das experiências passadas revividas através das narrativas orais. Existe uma sacralidade nas coisas narradas, pois é na memória que estão armazenados os saberes; os meios de adquirir é ouvindo e experienciando. Uma vez que a experiência do passado é um conteúdo curricular dessa pedagogia, ouvir é a ferramenta de ensino mais importante a ser utilizada.

É no cotidiano que se aprende os saberes dessa pedagogia, e os seus professores são sujeitos que se comprometem com a transmissão da tradição, assim relacionando a história individual com a coletiva, fazendo do seu corpo um livro que registra todas as memórias. Em um território tradicional, tecer uma rede além de trabalho é cultura; dançar em uma gira, além de cultura, é sagrado; e desta forma se dão os processos de ensino e aprendizagem: nas matas,

⁶ Entrevista de Ailton Krenak para Roda Viva: disponível em: <https://youtu.be/BtpbCuPKTq4>

florestas, mares e rios com mestres e mestras da tradição. Para Alfredo Bosi⁷, o mestre não é aquele que possui um diploma universitário, mas aquele que domina e exerce com perfeição o seu ofício:

O mestre é quem exerce com destreza e decoro o seu ofício, a ponto de ser o seu melhor “oficial”: mestre alfaiate, mestre sapateiro, mestre cuca, mestre barbeiro, mestre carpinteiro, mestre de obra ou mestre pedreiro- aquele que foi outrora ajudante e oficial e com o correr dos trabalhos e dos dias se consumou na sua arte. Mestre/maestro de canto, mestre quadrilha, mestre de reza, mestre de capela. Para chegar à maturidade plena do ensino, o mestre percorreu anos e anos de paciente aprendizado.

Em uma pedagogia que é ciência viva, os mestres, que são os mais velhos das comunidades, depois de experienciar os saberes, sabores e processos dessa educação, passam para os mais jovens que vão, através da escuta atenta e ativa, experienciar também os conhecimentos que serão somados aos já existentes. É nessa confluência que a pedagogia ancestral se mantém, reforçando e valorizando a memória, e abrindo caminhos para novos aprendizados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frequentemente, ouvimos falar sobre representatividade e a sua importância, primordialmente, para seres humanos no processo inicial de formação. E a sua importância se dá por ser uma das ferramentas para a construção de uma identidade positiva, pois é a partir do outro que entendemos quem somos; a identidade é exterior, não é fixa, pelo contrário, é um processo contínuo que é construído através das vivências em sociedade. E a relevância da representatividade no âmbito escolar é ainda maior, porque é na escola que a criança cria diretrizes e desenvolve suas potencialidades sociais como cidadão. Contudo, quando as representações são silenciadas e/ou excluídas, e quando incluídas são representadas de forma negativa, pode prejudicar o processo de formação identitária.

Mas por que utilizar as narrativas populares dentro da escola? Na verdade, as narrativas populares já estão presentes na sala de aula. Quantas vezes já ouvimos a história da

⁷ Fragmento de texto retirado do texto preparado para o Encontro Com Mestre Xidieh, realizado em Marília nos dias 2 e 3 de abril de 1991 por ocasião da outorga do título de Professor Emérito concedido ao Prof. Dr. Oswaldo Elias Xidieh pela Universidade Estadual de São Paulo - UNESP.

Chapeuzinho vermelho, da Branca de Neve e da Cinderela? São narrativas coletadas pelos irmãos Grimm em contexto europeu, mas que hoje, foram tão popularizadas que ouvimos sem questionar de onde vieram. Ou seja, o que pretende-se com essa pesquisa, é refletirmos as possibilidades de usar as narrativas de forma contextualizada, pensando uma educação que nos contextualize, geográfica e socialmente, sendo assim, devemos introduzir os sujeitos que fizeram parte da construção cultural e histórica de nossa sociedade em todo processo educacional, principalmente nos currículos, projetando uma educação que fortaleça a identidade e o sentimento de pertencimento nos educandos.

É válido considerar que a invisibilidade das diferentes culturas é problemática e, apesar da Lei 10.639/2003, que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira, muitas lacunas não têm sido preenchidas, anulando a possibilidade do aluno de se identificar como ator participativo e importante na sociedade. Sendo assim, a introdução de temáticas, discussões e práticas pedagógicas que ensinem aos alunos sobre a sua cultura, sobre seu recorte social é de extrema importância, pois contextualiza o educando, direcionando-o e orientando-o para apreender os códigos sociais, as histórias, as culturais, as estéticas de seu povo. Moreira (2017, p. 4) vai nos dizer que:

Com a Lei 10.639/03, percebe-se que há uma tentativa de reparação histórica e equiparação sócio-cultural dos povos que tiveram seus direitos negados, suas histórias silenciadas durante séculos, sendo desta forma, uma estratégia para o combate ao racismo, à desigualdade e ao mesmo tempo, promoção da equidade e reeducação das relações raciais no Brasil.

Mesmo com a promulgação da lei, a representação da população afro-brasileira nas salas de aula e nos livros didáticos, muitas das vezes, é estereotipada e preconceituosa; é assim intencionalmente, pois segundo Negrão (1988 *apud* F. Rosenberg *et al.*, 2003, p. 132) “apreendeu-se que a literatura didática (e paradidática) têm sido criada visando ao aluno branco. Ou seja, ela não apresentaria apenas uma imagem deteriorada do negro, mas teria como pressuposto a interlocução de um leitor branco”, o que acaba afastando os indivíduos negros de sua realidade, fazendo com que criem imagens errôneas de inferioridade e incapacidade intelectual sobre si e sobre seus semelhantes, fortalecendo o discurso europeu de superioridade, colocando o negro e suas realizações à margem da sociedade. Outra problemática, presente nas escolas é a ausência de vozes quilombolas e afro-brasileiras, que impedem a visibilidade das comunidades afrodescendentes.

A invisibilidade ou o não olhar para as comunidades quilombolas é herança do período colonial e, principalmente, consequência do pensamento europeu determinado como universal

e normativo. A Europa criou formas de privilegiar seu conhecimento e sua cultura, consolidando o ser europeu como superior. Concomitantemente, deslegitimar as culturas, os hábitos, a língua e os saberes de povos não europeus, inferiorizando-os e dominando-os. Nessa esteira, os saberes, as arquiteturas e construções dos povos dominados, sobretudo os povos africanos, foram submetidos à invisibilidade. Contemporaneamente, o apagamento desses povos, são reforçados especialmente, no âmbito educacional onde o elemento negro não está presente e quando presente é apresentado na condição de escravizado, e os quilombos são sempre representados como algo do passado, como se não existissem mais em nossa sociedade.

As comunidades tradicionais também são criadoras de literatura, literatura essa que traz como foco o resgate e manutenção da memória. Por isso, deve-se achar um lugar também nos livros didáticos, nas salas de aulas, visto que, a tomada de consciência de que saberes, culturas e modos de pensar foram desvalorizados, expropriados e, até mesmo, excluídos por muito tempo, coloca os coletivos que foram prejudicados por essas ações em luta constante por um espaço no livro didático, no currículo e no universo escolar. Sendo assim, a escola é disputada, porque as vozes antes silenciadas ganharam eco e lutam pelo seu lugar de fala. Portanto, entendendo a necessidade de descolonizar a educação e, conseqüentemente, abrir espaços para outras vozes, outras formas de conhecimento, outras maneiras de viver, é que essa pesquisa se realiza, pois busca servir de contra-discurso, de material para se pensar e questionar a hegemonia epistêmica ocidental.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004a.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro, FGV, 2004b.

BÂ, Amadou Hampâté et al. A tradição viva. **História geral da África**, v. 1, p. 167-212, 2010.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru – SP: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**: Europa 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

F. ROSEMBERG, C. BAZILLI e P. SILVA. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma história da literatura. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 125-146, jan./jun. 2003.

FERREIRA, Marieta, AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FERREIRA, Jorge. CARLONI, Karla. **A república no Brasil**: trajetórias de vidas entre a democracia e ditadura. Niterói: Eduff, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do compromisso**: América Latina e educação popular. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: Ki –Zerbo, Joseph. História geral da África. In: **Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167 - 212.

MOREIRA, E. S. **O livro didático e a posituação do ensino de história e da cultura afro-brasileira nas escolas Classe e Parque em Salvador-BA**. 2017. Dissertação (Mestrado em História da África, da Diáspora e povos indígenas) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LE GOFF, Jacques. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. Tradução Yara Khoury. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano**: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginadas**. São Paulo: Edusp, 1995.

SOUSA, F. R; LIMA, L. M. G. História oral e educação popular: reflexões sobre metodologia e práticas de pesquisa pautadas no diálogo e na escuta sensível. **História oral**, v. 25, n. 2, p. 135-152, jul./dez. 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação**. Salvador, 2007. p. 59-74.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas Pias Populares**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros - USP. 1967

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Orgs.). **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.